

AS AVENTURAS E DESVENTURAS DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

*Ivanilde Silva Santos França

*Jacqueline da Conceição Roberto Santos

*Vanessa Graciela Souza Campos

RESUMO

A reflexão sobre a interação da família com a escola e suas influências sobre o aprendizado e desenvolvimento do aluno é o objeto de reflexão deste artigo. Apesar das incontáveis possibilidades benéficas que essa união pode oferecer, nem sempre se consegue manter uma relação produtiva que permita a integração com efetiva participação das partes envolvidas.

Palavras Chaves: Família, Escola, Relação, Aprendizagem.

Quando o filósofo Platão expressa no livro VII, da sua República e extraordinária “Alegoria da Caverna” estava inspirado e motivado a produzir uma reflexão que provocasse nos leitores várias possibilidades de releitura e contextualização da narrativa. Sabemos que ao longo da História do Pensamento Ocidental esta metáfora, pedagogicamente, conduz ao entendimento do pensamento do discípulo de Sócrates, conduz à sua epistemologia, e, portanto, à sua teoria do conhecimento. A função do educador-filósofo é a função do pedagogo, considerando que ambos devem ser condutores de aprendizagens significativas, que produzam espíritos iluminados pela “luz do sol” e não espíritos presos, acorrentados dentro da penumbra da caverna.

Que releituras podem ser efetivadas a partir da Alegoria da Caverna? Com certeza uma infinidade, dentre esta imensidade: a relação família escola na contemporaneidade em suas aventuras e desventuras.

Nesse viés, a família e a escola são instituições sociais que acolhem e fazem crescer a aprendizagem da criança. Pode-se afirmar que deve existir uma relação de cumplicidade e co-responsabilidade que permitam ações conjuntas, coerentes e integradas, voltadas para o aperfeiçoamento cognitivo e afetivo do filho e aluno.

Destarte, o objetivo deste artigo é avaliar e refletir se nesta relação os papéis da família e da escola estão integrados ou não com a missão educativa exercidas por ambos. Para tanto, este artigo apresentará em uma linguagem clara e objetiva, alguns aspectos positivos e negativos que coexistem nesta complexa relação.

A educação é tão antiga como a própria humanidade. Através da educação pretende-se que o ser humano se adapte ao meio, criando condições para a aquisição e desenvolvimento de valores, conhecimentos e atitudes favoráveis a essa adaptação.

Oliveira (2003, p.16) afirma que a educação é um fato social com a função de socializar, integrar as

gerações ainda imaturas na sociedade e desenvolver os indivíduos em particular e a própria sociedade em geral.

A educação pode então ser definida como um contínuo e permanente processo pelo qual a pessoa incorpora normas, regras e valores culturais de uma determinada sociedade de modo a integrar-se nela o mais intensamente possível.

Embora tenham perspectivas, estruturas e métodos distintos, a educação na família e na escola tem um objetivo comum: formar cidadãos participativos na sociedade, adequados à cultura vigente. Desta forma, temos todos uma responsabilidade com as gerações futuras. Devemos preparar os jovens para a vida adulta, preparando-os para uma sociedade onde seja possível viver.

Para Polônia e Dessen (2005), a inserção de maneira que propiciem uma interação entre a família e a escola, reconhecendo os limites e contribuições da família na educação formal permitem diversificar os sistemas de ensino envolvendo as famílias e os diversos atores sociais maximizando o desenvolvimento do educando.

No que tange a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, as instituições família e escola possuem papéis diferenciados.

Fontoura (1969, p.157), diz que ou se aprende a fazer movimentos, ou se adquire fatos e informações (com os quais se formam juízos e raciocínios), ou se adquire sentimentos, estando a aprendizagem dentro das categorias movimentos ou ações; movimentos e raciocínios; sentimentos e gostos.

A família é o ambiente no qual a criança inicia a aquisição de saberes, adquire o conhecimento de si e dos outros, a comunicação, os padrões de interação social, as pautas de adaptação física, social, intelectual e emocional.

Para Souza (1985, p.33), conforme a criança vai aprendendo a falar, a caminhar, a controlar seus esfíncteres, ela vai adquirindo certa autonomia e vai progredindo socialmente.

Carvalho (2005) ratifica afirmando que a educação tem fundamental importância na reprodução sócio-cultural e começa no lar (família) que é o lugar da reprodução física e psíquica cotidiana e englobando os cuidados do corpo, higiene, alimentação, descanso, afeto, etc. que constituem as condições elementares de toda a vida social e produtiva.

A escola continua e aprimora essa tarefa ao oferecer uma ampla contribuição na aquisição de diversos saberes. A forma sistemática de organizar esses conhecimentos caracteriza uma educação formal em um ambiente que, pela rica diversidade de vivências, possibilita o desenvolvimento de crenças, idéias e valores.

A interação desses ambientes pode acarretar transformações evolutivas ainda maiores nos níveis cognitivos, sociais, afetivos e de personalidade dos alunos. Mas, ao pensar em parceria entre essas duas instituições devem-se compreender suas diferenças.

A escola lida com os alunos em períodos determinados enquanto a família lida com os filhos vinte quatro horas por dia. A escola é um espaço público, a família é um espaço privado. A família é o lugar da unidade, da continuidade, a escola, o lugar da diversidade, da diferença. A escola, assim como a família, são organizações que possuem fragilidades merecendo análises específicas.

FAMILIA

A família é o primeiro grupo social a que pertencemos, é um tipo de agrupamento social cuja estrutura, varia no tempo e no espaço. Desde o início das nossas vidas a família teve sempre uma importância fundamental na história da humanidade sendo ela um sinônimo de carinho, atenção, respeito e referência.

Nos séculos passados as famílias eram constituídas em um grande número de filhos, tendo a mulher o papel de educar as mulheres e os homens deveriam seguir os pais em sua vida profissional, a partir dos sete anos. A educação familiar nos traça referências das quais levamos para o resto de nossas vidas, como: costumes, valores, padrões culturais da sociedade, é uma agência que socializa a criança.

Os aspectos sociais, culturais, econômicos e psicológicos dos pais sempre foram recursos essenciais na aquisição de saberes. Por isso Martinelli (1996, p. 70) diz que o método educativo mais valioso é a experiência pessoal no qual a família é o alicerce na formação do caráter de uma criança que terá os ideais e valores vivenciados em família.

Por muito tempo, a família desempenhou o papel principal no processo de educação. À medida que a evolução da sociedade tem sido transformada, embora continue exercendo grande influência na formação das crianças e dos jovens, vem modificando as condições para educar trazidas das gerações passadas.

Com as diversas mudanças que ocorreram principalmente com o advento do capitalismo globalizado, a família passou a transferir papéis para escola. O cenário muda. O papel da mulher no mundo do trabalho provocará uma nova relação no seio da família.

Por sua vez, nossa sociedade é caracterizada por situações de injustiças e desigualdades para sobreviver, principalmente nas camadas populares. Esses problemas atingem as crianças das classes populares que enfrentam inúmeras dificuldades para desenvolverem um aprendizado no próprio ambiente familiar.

Concordamos com Martinelli (1996, p. 71), ao afirmar que a família traz um desenvolvimento e aprimoramento da firmeza do caráter da criança. Os pais servem como base estrutural (uma forma de guia) e, dessa forma, devem agir como educadores. Mas não é tão simples assim. Com as complexidades da vida nas grandes cidades, os pais tendem a exigir que a escola assuma o papel da família.

ESCOLA

A educação pode se manifestar em todas as instâncias sociais, mas um grupo foi instituído exclusivamente com a finalidade de transmitir a herança cultural da sociedade. Um dos agentes da socialização, a escola é reflexo das civilizações modernas.

Oliveira (2003, p.105), diz que, enquanto o acervo cultural a ser transmitido era pequeno não havia a necessidade de constituir uma agência especializada em passá-lo às novas gerações. Os conhecimentos eram transmitidos de forma sistemática nos diversos grupos sociais (família, igreja, clube, etc.). Conforme os conhecimentos foram aumentando, a sociedade passou a exigir pessoas capacitadas para transmitir esses conhecimentos. Desta forma, apareceram as escolas que oferecem uma educação sistematizada, ou seja, uma educação formal.

Essa forma de educação foi na maioria dos países capitalistas, ampliada na sombra da Revolução Industrial e a escola assumiu papel fundamental na vida social.

Atualmente, a educação escolar tem como finalidade o desenvolvimento integral do educando em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Luckesi (1994, p.139), afirma que a escola é a instância mediadora no processo de transmissão do conhecimento. A escola é o lugar onde através de um currículo e da prática pedagógica as crianças, jovens e adultos recebem e assimilam a cultura, compreendendo e reelaborando o seu cotidiano.

Os saberes disponibilizados na escola (ler, calcular, escrever, etc.), servem de instrumentos para aprofundar a inserção social. É na escola que pessoas se formam num ritmo sistemático e acelerado para assumir os postos de trabalho na sociedade. É na escola também, que o Estado transmite a acentuada ideologia capitalista, imposta pelas classes dominantes. Nesse contexto, a escola se caracteriza pela ambigüidade de ser um local de conservadorismo (ao reproduzir os mesmos conhecimentos as grandes parcelas da sociedade), e um local de transformação (busca-se formar agentes transformadores na sociedade vigente).

Delores (2003, p.126), afirma que, definindo as competências afetivas e, cognitivas que devem ser desenvolvidas e os conhecimentos que devem ser transmitidos na educação escolar, os especialistas em educação podem fazer com que as crianças adquiram domínios das aptidões cognitivas.

Assim, a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica é intencional e desencadeia o processo ensino-aprendizagem. Ao contrario de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural, a escola tem o papel de interferir provocando avanços no processo educativo preparando o aluno, em especial, para o mercado de trabalho.

Em suma, a escola é uma instituição social com o objetivo principal do ensino e aprendizagem dos alunos desenvolvendo suas potencialidades (cognitivas, físicas e afetivas), para torná-los cidadãos atuantes na sociedade.

RELAÇÃO ESCOLA - FAMILIA

Vigotsky, apud Corsino (1999, p.28), já dizia que o ser humano é um ser interativo, que internaliza

conhecimentos a partir da troca com outros sujeitos.

A criança, ao nascer, se integra em uma história e uma cultura importante na construção de seu desenvolvimento. As experiências, linguagem, hábitos, valores estão presentes em seu grupo familiar e se ampliam na escola. Assim, o ingresso na escola produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento do indivíduo, mas não apaga, nem substitui a gama de conhecimentos disponibilizados no seio familiar.

Para Sayão (2002, p. 42), a parceria da família com a escola é importante no sentido de estimular a criança a se envolver ativamente na vida escolar, a ter curiosidade em aprender e interpretar o mundo. Independente do nível de escolaridade dos pais, estes possuem uma carga de saberes que trocam com os filhos. Eles passam informações de seu trabalho, do seu cotidiano, da sua importância social, da sua história de vida e, o ato de colocar os filhos na escola já condensa uma vontade de que os filhos sejam iguais ou melhores do que eles e promovem a interação entre família-filho/aluno-escola.

Desta forma, a junção família e escola constitui uma rica relação que é fundamental no processo educativo. Porém, em nossa realidade, nem sempre essa relação se complementa. Ao contrário, o que se vê é a escola se queixando da ausência da família e vice-versa. São poucos os casos em que a família e a escola compartilham a responsabilidade sobre a educação escolar.

Muitas vezes, as famílias não têm oportunidade de se fazerem presentes no dia-a-dia da escola. Hoje, os pais trabalham, já tem a vida corrida e não dá tempo para acompanhar a educação dos filhos. Na verdade, eles têm a escola como uma “válvula de escape” e atribui a função educativa quase toda para ela. Muitos pais acreditam que seu papel é o de apenas avaliar se as escolas oferecem ou não uma boa educação e outros, nem com isto se preocupam.

Nos casos em que a família pode acompanhar, ou melhor, participar ativamente na escolarização dos filhos, encontra-se outro obstáculo: Nem sempre a escola permite a atuação dos pais. Esse impedimento se dá de diversas formas: ausência de espaços condignos para receber os pais, atitudes dos professores pouco amigas das famílias, horários de atendimento e de reuniões que impedem os pais de participarem.

Com exceção das festividades, as reuniões que as escolas propõem (quando propõem) são na maioria das vezes baseadas em temas teóricos e abstratos para apontar o “ideal” de desenvolvimento e de comportamento que os filhos daquelas famílias não conseguem atingir. Nessas reuniões, somente a equipe escolar tem a voz para falar das falhas fazendo com que as famílias não gostem de frequentar esses encontros determinados também pela escola.

De igual modo, quando uma família vai a escola sem ser convidada, convocada, é para fazer queixas da equipe escolar por ter maltratado ou por ver o baixo rendimento dos filhos.

Outro obstáculo que permeia essa relação é a burocracia existente nas escolas. Sabe-se que a escola é uma instituição de caráter empresarial e toda empresa para manter-se como organização precisa ter, ao menos, um pouco de burocracia. No entanto, a burocracia escolar vem sendo marcada pela frieza,

materializada pelas relações de posse e poder que se caracterizam na hierarquia do trabalho e no setor administrativo. Nos encontros com os pais, percebe-se a existência de limites pré-fixados, muitas vezes mascarados sutil e veladamente por discursos democráticos e que os pais devem obedecer. Esse relacionamento rígido gera certo incômodo nos pais que mostram relutância em manter contato com a equipe escolar e insegurança em discutir questões acadêmicas.

Para Bordignon (1992, p.16) a rotina e a padronização efetivam as relações verticais que matam a criatividade e instalam a mediocridade porquanto a rigidez burocrática faz escolas eficientes, mas sem eficácias, com rotinas e sem objetivos.

A família e a escola são contextos humanos e, portanto, refletem os problemas sociais. Ainda que as duas instâncias estejam localizadas numa mesma região (inseridas num mesmo contexto sócio, político e econômico), podem ser ambientes bem diferenciados no que concerne a presença ou ausência de valores. Assim, a relação família-escola pode ser difícil e trabalhosa podendo até mesmo ocorrer “choques” entre os ensinamentos que são disponibilizados nesses ambientes.

Esses fatores vêm reforçar a questão dos pais não participarem da vida na escola. Não são chamados para dialogar sobre seus filhos, apenas para atender às normas burocráticas da escola. Para receberem chamadas e não orientações que visem o melhor desempenho de seus filhos.

Diante de todas essas coisas, deve-se buscar estratégias para promover o aprimoramento e ampliação dos modelos de relação entre esses dois ambientes.

Mesmo quando a instituição escolar elabora um bom programa curricular, a aprendizagem do aluno só é patente quando este é rodeado da atenção familiar devendo a família ser orientada quanto às novas abordagens utilizadas no ensino para acompanhar o progresso e as necessidades do aluno.

Para tanto, precisa-se oferecer aos pais informações e conceitos básicos sobre o desenvolvimento e evolução dos filhos, proporcionar, em reuniões estruturadas, momentos de trocas de informações entre pais e professores, treinar os pais para ensinar os filhos articulando os conhecimentos acadêmicos com os saberes informais da vida cotidiana, realizar atividades em conjunto implementando programas de apoio acadêmico e social.

Os pais devem participar ativamente na educação de seus filhos, seja em casa ou na escola. Devem se envolver em atividades voluntárias e nas tomadas de decisão permanentemente ou esporadicamente, conforme suas disponibilidades.

Os encontros promovidos entre a família e a escola deve gerar um clima amistoso que favoreça a aproximação entre as partes e contribuam de fato para o desenvolvimento global do filho / aluno. A qualidade dos relacionamentos é mais importante que a quantidade e, as escolas, em conjunto com os pais devem buscar formas peculiares de relacionamentos compatíveis com a realidade de todos os segmentos, usando o progresso de todos.

As diferenças culturais não devem ser vistas como barreiras, mas devem ser respeitadas e valorizadas

para que enriqueçam e facilitem o desenvolvimento social e escolar da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS A SEGUIR

Uma boa relação entre família e escola deve ser o interesse de todo trabalho educativo que tem como foco o aprendiz.

Retomando a história de Platão, tanto a família como as escolas encontram-se presas na penumbra da caverna. Ambas estão apegadas às velhas tradições e desligadas daquilo que é mais importante (o desenvolvimento integral do aprendiz), precisam, pois, sair da caverna.

Deve haver um real envolvimento entre a família e a escola. Tal envolvimento exige mais participação de ambas as partes, criando laços, elos permanentes, unindo os dois ambientes.

É uma parceria entre instituições distintas. Se a desejamos eficaz, devemos reconhecer as características de cada uma e descobrir as possíveis pontes existentes.

Bordenave (1983, p.22), diz que a participação significa fazer parte, tomar parte e ter parte. A família deve, pois, entrar em comunhão com os agentes escolares.

Em educação, trabalha-se com a possibilidade de um futuro. Devemos pensar o tempo todo no indivíduo que simultaneamente desempenha o papel de filho e de aluno e lembrar que, a escola é o lugar da diversidade. Sempre haverá pais que participam mais e outros, menos. A escola deve, sem ressaltar as diferenças, trabalhar o coletivo, ajudando os alunos a aprender que é preciso se respeitar e respeitar o grupo.

O aluno realiza conexões dos conhecimentos adquiridos em família e faz referência deles para compreender os conteúdos curriculares. A escola deve implementar ações subsidiadas em tais conexões.

A relação escola - família deve incorporar uma união respeitosa para que em colaboração mútua, possam promover uma educação integral da criança.

A escola deve valorizar o papel da família e vice-versa. As instituições de educação formal devem reconhecer e valorizar a cultura e os valores das famílias dos alunos. As famílias precisam ter mais oportunidades de se fazerem presentes no dia-a-dia da escola. Escola e família devem ser parceiras para caminharem juntas, sendo que cada uma deve ser preservada suas características próprias.

Esses elementos são condições indispensáveis para fazer a relação escola - família mais agradável e produtiva refletindo, efetivamente, no aprendiz, que será indubitavelmente, o maior beneficiado nessa relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BORDENAVE, J.E.D. **O que é participação**. 5. ed..São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BORDIGNON; G. **Política e Gestão Educacional**: descentralização ou democratização de administração de educação. Brasília, v. 8, n. 1, p, 1-100, jan/ jun. 1992.
- CARVALHO, M. E. P. de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Disponível em < www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121/pdf > Acesso em: 26 ago.2005.
- CORSINO, Patrícia. **Alfabetismo, Cultura(s) e Escola**: contribuições para o trabalho docente. In: Salto para o futuro: ensino fundamenta. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 1999.
- DELORES, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.
- FONTOURA, A. do A. **Psicologia educacional**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1969.
- LUCKESI, C. C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa educação em valores humanos. 7. ed. São Paulo: Peirópolis, 1996.
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à Sociologia da Educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2000.
- PLATÃO. A república. Coleção Primeiros Passos. Melhoramentos: Rio de Janeiro, 1972.
- POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família escola**. Disponível em: < http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012&lng=pt&nrm=iso >. ISSN 1413-8557. Acesso em: 21 mar.2007
- SAYÃO, Rosely. **Família e Escola**: parceiros ou rivais? TV Escola, Brasília. N. 28, ago./ set.2002. p. 40-42. Entrevista.
- SOUZA, R. P. et al. **A criança, a família e a escola**. 2811. ed. Rio de janeiro: Globo, 1985.